

Morte na greve

A morte de uma senhora de 35 anos, pouco depois de não ter sido atendida no pronto-socorro do Hospital Regional do Gama, certamente é um argumento bem mais forte contra o movimento paredista dos médicos brasileiros do que um pronunciamento da Justiça, considerando a greve abusiva, ou mesmo do que a justificativa do Governo do Distrito Federal que alega ser — como, realmente, o é — o salário destes profissionais uma incumbência da União. O Sindicato dos Médicos saiu em defesa da categoria dizendo que a senhora que morreu não esteve no pronto-socorro, mas apenas passou na pista em frente ao hospital. Embora o argumento pareça muito pífio — aliás, será que existe algum argumento forte para justificar a morte de uma pessoa por falta de atendimento médico? —, o inquérito policial precisa trazer à luz todos os detalhes por mais dolorosos que sejam.

Caso se confirme mesmo, ao final do inquérito, a hipótese de omissão de socorro, a sociedade deve exigir na Justiça a punição exemplar dos responsáveis. Brasília não pode aceitar que se repitam aqui os lamentáveis acontecimentos que têm marcado as greves de médicos em outros pontos do País. Um médico, mesmo em greve, não pode se omitir jamais frente ao sofrimento de um ser humano. Muito mais importante do que um problema entre uma categoria que quer salários maiores e um governo que alega não poder pagá-los é a vida humana, que não pode ser joguete nesta luta. Os brasileiros não vão permitir, de modo algum, que esta morte fique impune, em se confirmando um crime. O culpado tem que ser punido sem contemplação.

Este episódio lamentável certamente vai influir nesta e nas outras greves na área de saúde que possam vir no futuro. Aparente-

mente amortecido pelas sucessivas greves na área de saúde, o brasileiro parece ter perdido sua capacidade de se indignar. O fechamento de prontos-socorros passa a ser encarado como um fato normal ou inevitável, quando se sabe que em nenhum lugar do mundo ocorrem paralisações tão deletérias. Mas, a morte por falta de atendimento, de dona Maria Graziela, pode reverter este quadro de acomodação e insensibilidade.

A questão do mau atendimento médico no Brasil não está apenas nos salários do pessoal da área, que estão realmente achataados, aliás, como os de todos os outros profissionais. Ora, se o País não cresce há mais de uma década, é óbvio que os salários tiveram de cair. Os médicos só poderão ganhar mais quando o Estado, que os paga, arrecadar mais, e este só vai arrecadar mais quando a economia voltar a crescer. Levantamentos feitos por organismos oficiais têm registrado algo terrível na medicina, que é o afrouxamento, o esgarçamento das rígidas regras éticas que regem o exercício de tão nobre profissão.

A greve para os setores essenciais é permitida no Brasil desde que obedecidas certas normas, que, em geral, são desobedecidas pelos grevistas. De um lado, temos o corporativismo exacerbado. Do lado patronal, em geral, temos ou a ambigüidade ou a falta de autoridade. Entre as duas forças em conflito, sofrem os cidadãos, especialmente os mais humildes, como dona Maria Graziela, que não teve dinheiro para apanhar um táxi nem voz para exigir uma ambulância. Morreu num banco da Rodoviária do Gama. Sua morte não pode ter sido em vão. A sociedade candanga exige uma investigação rigorosa e punição do culpado ou dos culpados. Greve nenhuma, nem aqui nem em qualquer outro lugar do mundo, pode justificar a perda de uma vida humana.